

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CECH - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLARA ISABELLE DAS NEVES GONÇALVES

Percepções parentais sobre educação sexual: continuidades e rupturas entre gerações

São Carlos - SP

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CECH - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLARA ISABELLE DAS NEVES GONÇALVES

Percepções parentais sobre educação sexual: continuidades e rupturas entre gerações

Parental perceptions regarding sexual education: continuity and change across generations

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Psicologia como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Psicologia pela Universidade
Federal de São Carlos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Joan Barham

São Carlos - SP

2025

Gonçalves, C. I. N. (2025). *Percepções parentais sobre educação sexual: continuidades e rupturas entre gerações*. [Monografia]. Universidade Federal de São Carlos. 44pp.

Resumo

Por mais de um século, a educação sexual tem sido objeto de intensos debates, refletindo entendimentos conflitantes sobre os efeitos de diferentes estratégias de ES para alcançar objetivos como proteção, transmissão de informações e promoção do bem-estar sexual. Este estudo investigou as percepções de pais e mães sobre a educação sexual que receberam e sua relação com as práticas educativas adotadas com seus próprios filhos, analisando continuidades e rupturas geracionais. Embora a produção científica reconheça a importância da família na construção da sexualidade, ainda são escassas as pesquisas que consideram o sistema familiar como eixo central de análise no Brasil, especialmente no que diz respeito à transmissão intergeracional de informações e valores relacionados à sexualidade. O delineamento do estudo foi quanti-qualitativo, de caráter transversal, descritivo e correlacional. Participaram da pesquisa 64 indivíduos (45 mães e 19 pais), nascidos entre 1950 e 2000, todos com ensino médio completo ou superior. Os dados foram coletados por meio de questionário *online*, elaborado pela autora, composto por perguntas fechadas e abertas. Os resultados apontaram que muitos dos participantes receberam orientações insuficientes durante sua criação e indicaram que a família de origem esteve pouco envolvida na sua educação sexual. Apesar disso, evidencia-se o desejo de oferecer aos filhos uma educação sexual distinta e mais adequada daquela recebida, embora alguns participantes tenham relatado sentimento de despreparo frente a essa tarefa. Foi identificada uma associação significativa entre ter recebido (ou não) informações no contexto familiar e a tendência de transmiti-las aos filhos ($\chi^2 (1) = 16,295; p < 0,001$). Observou-se também que pais mais jovens fazem maior uso da internet como fonte de informação e, em alguns casos, recorrem ao apoio de profissionais de saúde para tratar do tema com os filhos. As práticas educativas revelaram, contudo, o predomínio de conteúdos ainda biomédicos, em detrimento de uma abordagem ampliada da sexualidade. Os achados evidenciam a necessidade de desenvolvimento de materiais que auxiliem pais e mães a exercerem com autonomia e criticidade seu papel na formação sexual dos filhos, promovendo uma educação sexual emancipatória, vinculada à cidadania e aos direitos humanos. Uma limitação importante da pesquisa refere-se à amostra, que não é representativa da população brasileira de pais e mães. Além de se tratar de pessoas com maior abertura para discutir sexualidade, a maioria possui alta escolaridade e idade superior a 45 anos, o que restringe a análise de influências histórico-culturais mais amplas. Diante dos achados, recomenda-se que

estudos futuros desenvolvam e avaliem materiais de apoio para assistir pais e mães a refletirem e se prepararem para abordar a educação sexual com seus filhos, considerando as diferentes etapas do desenvolvimento infanto-juvenil, de forma contínua e integral.

Palavras-chave: Educação Sexual; Parentalidade; Transmissão intergeracional; Família; Crianças; Adolescentes

Gonçalves, C. I. N. (2025). *Parental perceptions regarding sexual education: continuity and change across generations*. [Honors Thesis]. Universidade Federal de São Carlos. 44pp.

Abstract

For more than a century, there have been intense debates about sex education (SE) due to differences in people's understanding of the effects of different SE strategies to achieve goals such as protection, dissemination of information, and promotion of sexual well-being. This study investigated parents' perceptions of the sex education they received and its relationship with the educational practices they adopt with their own children, analyzing generational continuities and changes. Although academic literature recognizes the family's role in shaping sexuality, there is still a scarcity of research in Brazil that places the family system at the center of analysis - particularly regarding the intergenerational transmission of information and values related to sexuality. The study employed a quantitative-qualitative, cross-sectional, descriptive, and correlational design. A total of 64 individuals (45 mothers and 19 fathers) born between 1950 and 2000, all with at least a high school education, participated in the study. Data were collected using an online questionnaire developed by the author, composed of both closed and open-ended questions. The results indicate that many participants received insufficient guidance during their upbringing and that their families were minimally involved in their sex education. Despite this, there was a clear desire to provide their children with a different and more adequate form of sex education, although some participants reported feeling unprepared for this task. A significant association was found between having received (or not received) information in the family of origin, and the tendency to pass these ideas on to their own children ($\chi^2(1) = 16.295; p < 0.001$). It was also observed that younger parents tended to use the internet more frequently as a source of information and, in some cases, had arranged consultations with healthcare professionals to address this topic with their children. However, the educational practices reported revealed a predominance of biomedical content, to the detriment of a broader approach to sexuality. The results highlight the need to develop resources to help parents engage

in their children's sexual education with greater autonomy and critical awareness, promoting an emancipatory approach to sex education grounded in citizenship and human rights. A key limitation of the study concerns the sample, which is not representative of the Brazilian population of parents. In addition to being individuals more open to discussing sexuality, most participants had high levels of education and were over 45 years old, which limits the analysis of broader historical-cultural influences. Based on these results, it would be useful to develop and evaluate materials to assist parents in reflecting on and preparing to address sex education with their children in a continuous and comprehensive manner, taking into consideration the different stages of child and adolescent development.

Key words: Sex Education; Parenting; Intergenerational Transmission; Family; Children; Adolescents

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1.	A educação sexual no Brasil.....	8
1.2.	Influências familiares na construção da sexualidade	10
2	OBJETIVOS.....	12
2.1.	Objetivo geral	12
2.2.	Objetivos específicos.....	12
3	MÉTODO	12
3.1.	Participantes.....	12
3.2.	Instrumentos	13
3.3.	Procedimentos de coleta de dados	14
3.4.	Procedimentos de análise dos dados.....	14
4	RESULTADOS	15
4.1.	Como os respondentes vivenciaram sua educação sexual.....	15
4.2.	Perspectivas e crenças parentais relacionadas à educação sexual	19
4.3.	Comunicação com seus filhos a respeito da educação sexual	21
4.4.	Transmissão de informações sobre educação sexual para os filhos	25
5	DISCUSSÃO.....	32
5.1.	Como pais e mães vivenciaram sua educação sexual.....	32
5.2.	Perspectivas e crenças parentais relacionadas à educação sexual	34
5.3.	Comunicação com os filhos a respeito da educação sexual	34
5.4.	Transmissão de informações sobre educação sexual para os filhos	35
5.5.	Limitações	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7	REFERÊNCIAS	38
	Anexo A.....	41

INTRODUÇÃO

A educação sexual (ES) é compreendida como um processo histórico-cultural e socialmente situado de ensino-aprendizagem a respeito da sexualidade (Figueiró, 1996). Tradicionalmente, esse processo abrange desde a transmissão de conhecimentos básicos sobre a biologia do corpo humano, até reflexões contemporâneas sobre normas, vivências culturais e religiosas, sentimentos e atitudes relacionadas à vida sexual dos indivíduos (Figueiró, 1996; Martelli, 2019, como citado em Moraes & Salgueiro, 2023). Além disso, o conceito de sexualidade envolve aspectos como identidade e papéis de gênero, imagem corporal, orientação sexual, prazer, autoestima, habilidades de tomada de decisão e comunicação interpessoal (Maqbool & Jan, 2019; OMS, 2020).

Ao reconhecer a sexualidade como um elemento estruturante da constituição dos sujeitos desde a infância e essencial ao desenvolvimento psicológico saudável, a família passou a ocupar posição de crescente responsabilização pela formação sexual das novas gerações (Ferreira et al., 2017; Furlanetto et al., 2018; Lima, 2018). No entanto, mesmo em suas manifestações mais cotidianas – inclusive naquelas em que não há intenção de educar – a família se constitui em “uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas” (Foucault, 2003, p. 45) e assume diferentes formas de ensinar para a vida sexual (Chauí et. al, 1981). Por meio de silêncios, gestos, segredos, regras e de seu modo particular de existir, as famílias e, posteriormente, os educadores, produzem as primeiras noções, atitudes, impressões e comportamentos que servirão de base para a construção da vivência em sexualidade dos indivíduos ao longo da vida (Chauí, et. al, 1981; Fagundes, 2009).

No que se refere à educação, a implementação da educação sexual nas escolas brasileiras e os temas que a compõem foram historicamente atravessados por disputas discursivas protagonizadas tanto por instituições religiosas e políticas, quanto por pais, mães e educadores (Bueno & Ribeiro, 2018; Franco & Filho, 2020; Ribeiro, 2002), que, ao longo de mais de um século, definiram as diretrizes e limites desse campo.

Por essa razão, serão apresentados no presente trabalho alguns dos principais marcos históricos da educação sexual no Brasil, visando contextualizar as experiências formativas das gerações de pais e mães participantes deste estudo. Tal abordagem justifica-se por dois motivos: primeiro, porque a visão de mundo construída pelos indivíduos recebe influência de inúmeros fatores presentes em seu contexto sociocultural (Sousa et al., 2006), entre os quais se destacam a escola, a religião e a família (Furlanetto et al, 2018); segundo, porque o processo de educação sexual se inicia, de maneira informal, nas relações familiares, sendo posteriormente formalizado nas práticas pedagógicas da escola e instituições sociais (Figueiró, 2010; Furlani, 2011, como

citado em Furlanetto et al., 2018), sendo necessário pensar sobre a influência conjunta dessas fontes de informação sobre a maneira como a educação sexual ocorre nas famílias e é transmitida para as próximas gerações. Assim, como argumenta Figueiró (2009), a compreensão dos fatos históricos pode suscitar reflexões sobre o processo de formação e envolvimento de indivíduos nesse tema, bem como fornecer subsídios para uma análise mais situada das perspectivas e práticas familiares.

1. 1. A educação sexual no Brasil

No início do século XX, o debate referente à sexualidade no país foi fortemente marcado pela influência de um discurso médico-higienista e por publicações de traço biologicista, cujos principais objetivos eram combater a masturbação, as infecções sexualmente transmissíveis e preparar a figura feminina para os papéis sociais de esposa e mãe (Bueno & Ribeiro, 2018; Ribeiro, 2002).

Em 1930, ainda que se tenha observado a primeira tentativa de incluir a educação sexual na grade escolar no Brasil, o projeto resultou na demissão e instauração de um processo legal contra o professor responsável pela iniciativa (Figueiró, 2009). O assunto ainda era fortemente influenciado por normas oriundas da Igreja Católica (Ribeiro, 2002), responsável pela publicação de livros de cunho orientador perante as práticas sexuais dos indivíduos (Bueno & Ribeiro, 2018). Para Ribeiro (2002), tais publicações indicavam que a educação sexual centrava-se no controle do corpo, especialmente através da regulação da natalidade, reforçando a manutenção da estrutura patriarcal das relações sociais.

Foi apenas na década de 60 que surgiram as primeiras ações efetivas para implementar práticas de educação sexual nas escolas brasileiras (Bueno & Ribeiro, 2018). Além disso, também se registra, pela primeira vez, a proposta de um programa que articula o envolvimento do Estado de maneira conjunta com os pais nesse processo (Bueno & Ribeiro, 2018).

Contudo, o Golpe Militar de 1964 foi um importante contribuinte para a interrupção dos programas que encontravam-se em vias de implementação em instituições escolares públicas e privadas do país (Rosemberg, 1985; Bueno & Ribeiro, 2018; Ribeiro, 2002), reforçando o clima de puritanismo e autoritarismo que marcava o período (Bueno & Ribeiro, 2018; Figueiró, 2009). Outro importante acontecimento na década de 60 diz respeito ao projeto de lei idealizado pela deputada federal Júlia Steinbruck, em 1968, que pretendia a integração obrigatória da educação sexual nos currículos de ensino fundamental e médio no país (Bueno & Ribeiro, 2018; Ribeiro, 2002; Rosemberg, 1985). A proposta foi vetada pela Comissão Nacional de *Moral e Civismo* do Ministério da Educação e Cultura sob o argumento de proteção da inocência e castidade das

crianças (Bueno & Ribeiro, 2018; Ribeiro, 2002; Rosenberg, 1985). Em 1970, três pareceres contrários ao projeto foram amplamente divulgados pela mídia (Bueno & Ribeiro, 2018). Um deles, emitido pelo Almirante Benjamin Sodré e discutido pela professora Maria José Werebe, evidencia o discurso predominante na época:

(...) Não ensinar materialmente como a procriação procede para o homem e para a mulher, mas antes exaltar o que caracteriza o sexo masculino: caráter, coragem, responsabilidade, força, proteção, respeito e amor, que, sem egoísmo, mais dá do que recebe; e o sexo feminino: a delicadeza, a bondade, a pureza, a confiança, indo até a doação, ao casamento, à maternidade (*O Estado de São Paulo*, 20/11/1970). (Werebe, 1998, como citado em Rosenberg, 1985).

O trecho destaca, sobretudo, a força dos estereótipos de gênero, a defesa da heteronormatividade e uma tentativa de tratar jovens como propriedade privada das famílias, excluídos dos direitos de cidadania e agência sexual, em uma estratégia já conhecida: manter no âmbito privado aquilo que se busca controlar (Maqbool & Jan, 2019; Paiva & Brandão, 2023).

A partir de 1978, com o afrouxamento da censura no país, as discussões sobre educação sexual nas escolas foram assumidas por órgãos públicos brasileiros (Bueno & Ribeiro, 2018; Ribeiro, 2002). O período era marcado por mudanças nos comportamentos sexuais, impulsionados tanto pela introdução da pílula anticoncepcional quanto pelos avanços em relação à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na sociedade brasileira (Bueno & Ribeiro, 2018; Ribeiro, 2002).

Em meados da década de 80, com a redemocratização, foram retomadas intervenções e projetos voltados à educação sexual no Brasil, acompanhados do surgimento das primeiras publicações que enxergavam a ES como um veículo de transformação social e que salientavam seu caráter e importância política (Figueiró, 1996). Destaca-se, no entanto, que muito da importância conferida à ES nessa década foi suscitada pelo advento do vírus HIV (Ribeiro, 2002; Rosenberg, 1985), promovendo reflexões sobre a utilização da ES como um dispositivo preventivo e biomédico (Bonato, 1999, como citado em Ribeiro, 2002; Chauí et al., 1991). Em contraposição a essa lógica, Chauí et. al (1991) defendem uma abordagem que vise a promoção da igualdade de gênero e a valorização do prazer na vida sexual dos indivíduos.

Em 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, em 1997, estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por meio dos quais foi proposto a integração da 'Orientação Sexual' no currículo escolar de maneira transversal (Ribeiro, 2002; Furlanetto et al. 2018). A proposta visava não somente a transmissão de informações educativas, mas também a problematização de posturas, crenças, tabus e valores

relacionados à sexualidade (Brasil, 1997). O documento ainda reitera que a atuação da escola deve ser entendida como complementar à educação oferecida no âmbito familiar (Brasil, 1997).

Nos anos 2000, a elaboração de políticas públicas e programas como o “Escola sem Homofobia (2010)”, projeto este que não chegou a ser executado em função da oposição de parlamentares (Balieiro, 2018; Paiva & Brandão, 2023), expressaram esforços institucionais do Estado em reconhecer a importância de políticas educacionais comprometidas com os direitos humanos e com a abordagem de gênero e sexualidade em suas diretrizes pedagógicas (Balieiro, 2018).

Na década seguinte, no entanto, a narrativa conservadora, impulsionada pelas bancadas evangélicas e católicas do país, se valeu do argumento de desvirtuamento da criança e da família para se opor a tais iniciativas (Paiva & Brandão, 2023). Além disso, observou-se o retorno da ideia de abstinência sexual como estratégia para lidar não somente com a sexualidade humana, mas com questões de saúde pública, como a gravidez precoce (Paiva & Brandão, 2023). No cenário político ainda foram retomados os conceitos de “bons costumes” e “família tradicional”, indissociavelmente relacionados à intolerância e à valorização de uma masculinidade ligada à divisão de papéis sociais com base em gênero (Paiva & Brandão, 2023).

Tais eventos suscitam reflexões a respeito da persistência de concepções características do século XIX, que ainda encontram vazão - e força - na contemporaneidade. Como propõe Foucault (2014, p. 41), cada sociedade, em diferentes momentos, estabelece um regime de verdade - isto é, tipos de discurso que “aceita e faz funcionar como verdadeiros”. Nesse sentido, como aponta Garbarino (2021),

“a sexualidade se configura em um objeto sociocultural e interpessoal, por ser historicamente um domínio deformado, fantasiado ou anulado, no qual convergem discursos paralelos e fraturas entre o campo da ciência, da religião e da moral.” (p. 13)

1.2 Influências familiares na construção da sexualidade

A educação sexual informal compreende-se por um conjunto de processos não sistematizados, fora de instituições formais, que atravessam o cotidiano das pessoas e influenciam direta ou indiretamente suas vivências e representações sobre a sexualidade (Chauí et al., 1991; Figueiró, 2010). Entre os principais espaços de transmissão informal de saberes sobre sexualidade – considerando comportamentos verbais e não verbais, bem como informações presentes e ausentes – destaca-se o ambiente familiar. É nesse espaço que a criança recebe, de forma mais intensa, as noções que fundamentarão a construção de sua sexualidade na infância (Brasil, 1997). Dessa forma,

“O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem é carregado de determinados valores associados à sexualidade que a criança apreende. O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como o faz determinam em grande parte a educação das crianças.” (Brasil, 1997, p. 77)

Assim, a construção da sexualidade depende, em grande medida, dos modelos assimilados no ambiente familiar (Furlanetto et al., 2018) e estes, por sua vez, são fortemente influenciados por fatores socioculturais e pelos diferentes regimes de sexualidade predominantes em cada período histórico (Paiva & Brandão, 2023). Dessa forma, entende-se que existem diferentes formas de ensinar os filhos sobre o tema (Furlanetto et al., 2019), além de padrões e afetos que são transmitidos geracionalmente (Pimenta et al., 2025).

Apesar dos avanços na produção científica acerca da sexualidade sob a perspectiva de adolescentes, ainda são escassas as pesquisas que consideram o sistema familiar como eixo central de análise no Brasil (Pimenta et al., 2025). Considerando que a educação sexual vivenciada por pais e mães, bem como sua compreensão acerca de como contribuir para a formação sexual de seus filhos, é atravessada por diferentes discursos que incidem sobre suas concepções e práticas (Sousa et al., 2006), torna-se relevante investigar de que forma a educação sexual vivida por esses indivíduos no passado se reflete ou distancia das práticas adotadas em sua parentalidade.

Para fins desta pesquisa, no interior do escopo “família”, optou-se por focalizar a análise das experiências e percepções de pais e mães, por serem considerados uns dos principais agentes na educação sexual de crianças e adolescentes (Ferreira, et al., 2017). Tal delimitação não desconsidera o papel de outros cuidadores na socialização de crianças e adolescentes, mas procura garantir uma análise mais situada das práticas de educação sexual no âmbito da parentalidade. Nesse sentido, o trabalho propõe-se a comparar as percepções de pais e mães sobre a educação sexual vivenciada ao longo da infância e adolescência e aquela que oferecem aos seus filhos, permitindo a análise de continuidades e rupturas nas práticas familiares ao longo do tempo.

2 OBJETIVOS

2. 1. Objetivo geral

Investigar as percepções parentais sobre a educação sexual que receberam e sua relação com as práticas que desempenharam ou desempenham atualmente com seus filhos.

2. 2. Objetivos Específicos

1. Compreender como pais e mães vivenciaram sua educação sexual durante sua formação, considerando os conteúdos abordados e as fontes utilizadas para obter essas informações.
2. Identificar perspectivas e crenças parentais relacionadas à educação sexual.
3. Explorar as percepções parentais sobre a comunicação com seus filhos a respeito da educação sexual, considerando os conteúdos abordados e as fontes utilizadas para obter essas informações.
4. Analisar possíveis relações entre a obtenção de conhecimentos referentes à educação sexual pelos participantes durante sua criação e a transmissão dessas e de outras informações para seus filhos.

3 MÉTODO

3.1 Participantes

Participaram do estudo 64 indivíduos com idade superior a 18 anos e que atendiam aos seguintes critérios: a) ser pai ou mãe de um indivíduo de qualquer idade e b) ser de nacionalidade brasileira. A amostra de participantes foi recrutada por conveniência, de maneira voluntária e com base no acordo de participação por parte dos indivíduos, após assinatura virtual do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi divulgada por meio da técnica de Bola de Neve Virtual (Costa, 2018) em redes sociais, principalmente *Instagram* e *Facebook*.

Tabela 1. Perfil da Amostra

Gênero	Feminino (N= 45)	70,3%
	Masculino (N= 19)	29,7%
Escolaridade	Segundo grau/ensino médio completo (N= 10)	15,6%
	Superior completo (N = 51)	79,7%
	Superior incompleto (N = 3)	4,7%
Década de nascimento ¹	1950-1959 (N = 7)	10,9%
	1960-1969 (N = 19)	29,7%
	1970-1979 (N = 16)	25%
	1980-1989 (N = 16)	25%
	1990-1999 (N = 4)	6,3%
Religião	Católica (N = 34)	53,1%
	Sem religião (N = 12)	18,8%
	Espírita (N = 7)	10,9%
	Cristã (não especificado) (N = 5)	7,8%
	Evangélica (N = 3)	4,7%
	Umbanda (N = 1)	1,6%
	Judaísmo messiânico (N = 1)	1,6%
	Espiritualista (N = 1)	1,6%
Gênero do primeiro filho	Feminino (N = 29)	45,3%
	Masculino (N= 34)	53,1%
	Transfeminina não binária (N = 1)	1,6%

Nota. ¹ Dois participantes completaram esse campo com datas inválidas.

3.2 Instrumentos

Para a realização do estudo, foram examinados alguns instrumentos disponíveis na literatura, que focalizam diferentes questões da área de educação sexual (Ferreira et. al, 2017). No entanto, esses instrumentos não abordam as questões de interesse da presente pesquisa. Portanto, foi construído um questionário, “*Mapeando Experiências e Percepções sobre Educação Sexual e Comunicação Familiar*” dividido em quatro seções: (1) caracterização sociodemográfica, (2) experiência com a educação sexual durante a criação, (3) perspectivas e crenças relativas à educação sexual e (4) comunicação com os próprios filhos (Anexo A).

Ao final de cada seção, foi disponibilizado um espaço para que os participantes complementassem suas respostas por meio de contribuições discursivas, como perspectivas pessoais, opiniões ou relatos de experiências, caso assim o desejassem.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos sob o CAEE 81452924.8.0000.5504, número de parecer 7.148.462, em conformidade com a Resolução No. 510/2016 - Normas Aplicáveis a Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2016).

Os participantes foram convidados a responder um questionário online. Ao clicar no link disponibilizado no convite, os participantes foram direcionados a um formulário do *Google Forms*, no qual receberam informações a respeito dos critérios de inclusão da pesquisa, seu caráter confidencial, anônimo e voluntário. Além disso, foram fornecidas instruções para o preenchimento do instrumento. Os participantes que concordaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico para este estudo, clicando na opção '*Li e concordo em participar da pesquisa*'. Após o aceite, os participantes obtiveram acesso ao instrumento de pesquisa.

3.4 Procedimentos de análise dos dados

As informações registradas pelos participantes foram verificadas, recodificando algumas das respostas para determinar a porcentagem dos respondentes que apresentavam, ou não, determinadas experiências. Após esse processo, foram realizadas análises descritivas para obter informações sobre medidas de tendência central (especialmente o escore mediano) e dispersão (desvio padrão) para os itens pontuados em escalas tipo Likert.

Algumas das respostas dos participantes permitiram comparações a respeito de sua própria educação, quando jovens, e a educação oferecida aos filhos. Essas respostas foram comparadas usando testes de qui-quadrado por envolverem informações categóricas (por exemplo, respostas do tipo "sim ou não"). Além de verificar a significância estatística das diferenças observadas, buscou-se identificar possíveis relações entre os conhecimentos sobre educação sexual recebidos pelos pais durante sua criação e a transmissão dessas informações aos seus filhos, por meio de um teste de relação entre variáveis categóricas de qui-quadrado. Para todos os testes estatísticos, foi usado como critério para avaliar a significância dos resultados um valor de $p < 0,05$.

Para a análise qualitativa, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Foram selecionados trechos significativos das respostas discursivas, buscando situar mais profundamente as percepções e experiências parentais.

4 RESULTADOS

Os resultados estão organizados de acordo com os quatro objetivos específicos do estudo.

4.1 Como os respondentes vivenciaram sua educação sexual

Nesta seção, são apresentadas informações a respeito de como os respondentes vivenciaram sua educação sexual durante sua formação, considerando os conteúdos abordados, as fontes utilizadas para obter essas informações, a idade que possuíam quando aconteceram essas conversas e a frequência das discussões.

Tabela 2. *Fontes de Conhecimento sobre Sexualidade na Infância e Adolescência -*

	Livros	Família	Amigos	Ensino oferecido na escola	Internet	Contexto religioso	Programas de TV/filmes	Consultas com profissionais da área da saúde
<i>N</i>	63	64	63	63	62	62	62	64
Média	2,2	1,9	3,1	2,3	0,7	0,7	2,0	1,0
Desvio padrão	1,88	1,70	1,35	1,65	1,49	1,10	1,59	1,49

Quantidade de Informações Recebidas

Nota: Os valores apresentados referem-se aos resultados obtidos a partir de uma escala Likert de 0 a 5, onde 0 indicava “Não obtive informações dessa fonte” e 5 indicava “Obtive muitas informações dessa fonte”.

Observa-se que exposição dos respondentes a conhecimentos sobre sexualidade durante sua própria infância e adolescência se deram majoritariamente por meio de interações com amigos, seguidos da escola e do uso de livros. Lembrando que a maior parte dos respondentes nasceram entre 1950 e 1980, fontes como consultas com profissionais da saúde, internet e contexto religioso foram menos acessadas. Além das informações expostas na tabela, observou-se que o contexto religioso foi a única fonte para a qual a pontuação máxima não ultrapassou o valor de 3 pontos, sugerindo que nenhum participante indicou alta quantidade de informações obtidas por essa fonte.

Tabela 3. *Temas Abordados Durante a Criação dos Participantes*

Prevalência de temas abordados durante a criação	
Noções de reprodução	(N = 35) 54,6%
Prevenção contra gravidez indesejada	(N = 30) 46,8%
Puberdade	(N = 29) 45,3%
Estereótipos de gênero	(N = 22) 34,3%
Proteção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis	(N = 20) 31,2%
Noções de consentimento	(N = 14) 21,8%
Relacionamentos afetivos	(N = 12) 18,7%
Orientação sexual	(N = 11) 17,1%
O que é violência sexual e maneiras de proteger-se	(N = 11) 17,1%
Relação com o próprio corpo e imagem corporal	(N = 9) 14,0%
Identidade de gênero	(N = 3) 4,8%
Nenhum	(N = 3) 4,8%

Na Tabela 3, é apresentada a prevalência de temas relacionados à educação sexual, que foram abordados durante a criação dos participantes da pesquisa. Os temas mais frequentemente mencionados foram relativos a noções de reprodução ($n = 35$; 54,6%), prevenção contra gravidez indesejada ($n = 30$; 46,8%) e puberdade ($n = 29$; 45,3%). Temas como estereótipos de gênero ($n = 22$; 34,3%) e proteção contra infecções sexualmente transmissíveis ($n = 20$; 31,2%) também aparecem com relativa frequência. No entanto, temas como noções de consentimento (21,8%) e relacionamentos afetivos (18,7%) foram menos frequentemente abordados durante a infância e adolescência dos participantes. Outros tópicos, como orientação sexual (17,1%), violência sexual e formas de proteção (17,1%), bem como a relação com o próprio corpo e imagem corporal (14,0%), apresentaram prevalência ainda menor. Destaca-se que 4,8% dos participantes ($n = 3$) relataram não ter tido contato com nenhum desses temas.

Tabela 4. *Gênero e Idade Aproximada dos Respondentes Quando seus Pais Começaram a Abordar Temas de Educação Sexual*

Gênero com o qual se identifica		Faixa etária					Nunca	Total
		Até 5 anos	6-10 anos	11-15 anos	16-20 anos	Acima dos 20 anos		
Feminino	(n)	(0)	(8)	(13)	(5)	(4)	(15)	(45)
	%	0	17,7	28,8	11,1	8,8	33,3	
Masculino	(n)	(0)	(0)	(6)	(5)	(0)	(8)	(19)
	%	0	0	31,5	26,3	0	42,1	
Total	(n)	(0)	(8)	(19)	(10)	(4)	(23)	(64)
	%	0	12,5	29,6	15,6	6,2	35,9	100

Dos participantes, 33,3% das pessoas do gênero feminino e 42,1% dos participantes do gênero masculino relataram que seus pais nunca abordaram temas de educação sexual. Para as participantes do gênero feminino, a maior concentração de respostas indicou início das conversas quando elas estavam com entre 11 e 15 anos, seguido pela faixa etária de 6 a 10 anos. Já entre os participantes de gênero masculino, as faixas etárias predominantes foram 11–15 e 16–20 anos e nenhum participante do grupo relatou ter recebido educação sexual entre 6 e 10 anos. Além disso, nenhum participante (do gênero feminino ou masculino) assinalou a opção “até 5 anos”.

Tabela 5. *Percepção dos Participantes da Frequência com que os Pais Abordaram Temas de Educação Sexual Durante sua Infância e Adolescência*

Gênero com o qual se identifica		Com que frequência seus pais abordaram temas de educação sexual com você durante sua infância e adolescência?			Total
		Alta frequência	Média frequência	Baixa frequência	
Feminino	(n)	(5)	(3)	(37)	(45)
	%	11,1	6,6	82,2	
Masculino	(n)	(3)	(2)	(14)	(19)
	%	15,7	10,5	73,6	
Total	(n)	(8)	(5)	(51)	(64)
	%	12,5	7,8	79,6	100

Observou-se uma predominância, entre participantes de ambos os gêneros, da percepção de que a educação sexual recebida por meio dos seus pais, durante sua criação, foi de baixa frequência (79,6%).

4.2 Perspectivas e crenças parentais relacionadas à educação sexual

Foram verificadas algumas perspectivas e crenças dos respondentes a respeito dos efeitos esperados em relação ao comportamento sexual dos filhos, ao abordar diferentes tipos de informações. Essas crenças podem afetar a forma como as pessoas lidam com questões de educação sexual com seus filhos.

Tabela 6. Crenças dos Participantes com Relação à Educação Sexual, por Gênero

	Gênero	Discordam	Neutros	Concordam	Total
1. Prefiro não conversar/orientar meus filhos a respeito de educação sexual (N = 64)	Feminino	(n = 40) 88,89%	(n = 0) 0%	(n = 5) 11,10%	(N = 45)
	Masculino	(n = 15) 78,95%	(n = 1) 5,26%	(n = 3) 15,79%	(N = 19)
	Total	(n = 55) 85,94%	(n = 1) 1,56%	(n = 8) 12,50%	(N = 64)
2. Falar sobre métodos contraceptivos com adolescentes pode incentivar a prática sexual precoce (N = 64)	Feminino	(n = 37) 82,2%	(n = 2) 4,4%	(n = 6) 13,3%	(N = 45)
	Masculino	(n = 14) 73,6%	(n = 1) 5,26%	(n = 4) 21,0%	(N = 19)
	Total	(n = 51) 79,6%	(n = 3) 4,6%	(n = 10) 15,6%	(N = 64)
3. Meus valores religiosos devem orientar a forma como ensino sobre sexualidade e relacionamentos aos meus filhos (N = 63)	Feminino	(n = 24) 54,545%	(n = 4) 9,091%	(n = 16) 36,364%	(N = 44)
	Masculino	(n = 10) 52,632%	(n = 1) 5,26%	(n = 8) 42,105%	(N = 19)
	Total	(n = 34) 53,968%	(n = 5) 7,937%	(n = 24) 38,095%	(N = 63)
4. Acredito que a abstinência sexual antes do casamento é uma prática importante para minha visão de mundo e valores pessoais (N = 64)	Feminino	(n = 36) 80,0%	(n = 5) 11,111%	(n = 4) 8,889%	(N = 45)
	Masculino	(n = 15) 78,947%	(n = 1) 5,26%	(n = 3) 15,789%	(N = 19)
	Total	(n = 51) 79,688%	(n = 6) 9,375%	(n = 7) 10,938%	(N = 64)
5. Converso/conversava com meu/minha parceiro(a) ou pai/mãe dos meus filhos quanto à educação sexual deles (N = 64)	Feminino	(n = 6) 13,3%	(n = 12) 26,6%	(n = 27) 60,0%	(N = 45)
	Masculino	(n = 5) 26,3%	(n = 3) 15,8%	(n = 11) 57,9%	(N = 19)
	Total	(n = 11) 17,1%	(n = 15) 23,4%	(n = 38) 59,4%	(N = 64)
6. Concordo que meus filhos participem de aulas sobre educação sexual na escola (N = 64)	Feminino	(n = 0) 0%	(n = 3) 6,667%	(n = 42) 93,3%	(N = 45)
	Masculino	(n = 1) 5,263%	(n = 2) 10,526%	(n = 16) 84,211%	(N = 19)
	Total	(n = 1) 1,563%	(n = 5) 7,813%	(n = 58) 90,625%	(N = 64)
7. Considero a educação sexual uma estratégia importante para construir relacionamentos saudáveis (N = 64)	Feminino	(n = 3) 6,667%	(n = 5) 11,111%	(n = 37) 82,222%	(N = 45)
	Masculino	(n = 1) 5,263%	(n = 4) 21,053%	(n = 14) 73,684%	(N = 19)
	Total	(n = 4) 6,250%	(n = 9) 14,063%	(n = 51) 79,688%	(N = 64)

Na Tabela 6, são apresentadas algumas das afirmações presentes no questionário e as distribuições de resposta, por gênero. Verificou-se que 79,0% dos participantes do gênero

masculino e 88,9% do feminino discordaram da ideia de preferir não orientar ou conversar com seus filhos sobre educação sexual, enquanto 15,8% e 11,1%, respectivamente, demonstraram concordância com essa afirmação. No total, 85,9% dos participantes se posicionaram contra a ausência de diálogo com os filhos na área de educação sexual.

A maioria dos respondentes (79,7%) também discordou que abordar métodos contraceptivos com adolescentes incentive o início precoce da vida sexual. Em relação à influência de valores religiosos, 38,1% dos participantes concordaram que tais valores devem orientar a forma como ensinam sobre sexualidade e relacionamentos aos filhos, embora 54,0% tenham discordado que a religião deva ser a base para esse tipo de orientação. Além disso, 79,7% rejeitaram a ideia de que a abstinência sexual antes do casamento seja uma prática importante, considerando seus valores pessoais.

Observou-se ainda que a maioria dos participantes, independentemente do gênero, relatou conversar com o(a) parceiro(a) sobre a educação sexual dos filhos, com ligeira predominância entre pessoas do gênero feminino (60%) em comparação às do gênero masculino (57,9%). Ainda assim, 26,3% dos participantes do gênero masculino afirmaram não manter esse tipo de diálogo, percentual duas vezes superior ao observado entre os respondentes do gênero feminino (13,3%).

Por fim, 90,6% dos participantes concordaram que seus filhos devem participar de aulas sobre educação sexual na escola, sendo essa concordância um pouco mais expressiva entre participantes do gênero feminino (93,3%) em comparação com os do gênero masculino (84,2%). Poucos participantes apresentaram posicionamentos neutros (7,8%) ou discordantes (1,6%) em relação a essa afirmativa. De modo semelhante, 79,7% dos participantes concordam que a educação sexual é uma estratégia importante para a construção de relacionamentos saudáveis, 14,1% manifestaram posicionamento neutro e apenas 6,3% discordaram.

4.3 Comunicação com seus filhos a respeito da educação sexual

Foi verificado se os respondentes sentiram dificuldades para lidar com questões de educação sexual de seus próprios filhos e as fontes que usaram para obter informações para fundamentar essas conversas com os filhos. As dificuldades apontadas são apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7. *Principais Dificuldades Relatadas pelos Participantes em Abordar a Educação Sexual com os Filhos*

Dificuldade	
Não fui ensinado(a) sobre o assunto durante minha criação	(n = 18) 28,1%
Falta de conhecimento suficiente	(n = 15) 23,4%
Medo de incentivar comportamentos indesejados	(n = 15) 23,4%
Outro	(n = 12) 18,8%
Religião	(n = 3) 4,7%

Dentre os participantes, 28,1% indicaram como principal dificuldade para abordar temas de educação sexual com os filhos o fato de não terem recebido orientações sobre o assunto durante sua própria criação. Em seguida, destacaram-se as categorias "falta de conhecimento suficiente" e "medo de incentivar comportamentos indesejados", assinaladas por 23,4% dos respondentes. Além disso, 4,7% atribuíram suas dificuldades a valores religiosos, enquanto 9,4% assinalaram a opção "Outro". Dentro desta última categoria, alguns participantes relataram não enfrentar dificuldades ($n = 3$) ou ainda não consideraram oportuno abordar o assunto em razão da idade dos filhos ($n = 3$). Foram ainda mencionadas dificuldades como: receio de adotar uma postura moralista ($n = 1$), falta de abertura ou interesse por parte dos filhos ($n = 1$), e "incerteza sobre como explicar o tema de forma adequada e sem recorrer a mentiras" ($n = 1$). Um participante destacou, ainda, que essas conversas são frequentemente responsabilidade de sua esposa.

Tabela 8. *Prevalência de Recursos Utilizados pelos Respondentes para Subsidiar a Educação Sexual Realizada com os Filhos*

Recursos utilizados para obter informações sobre educação sexual e orientar os filhos	
Livros	(n = 39) 60,9%
Consultas com profissionais da saúde	(n = 37) 57,8%
Conhecimentos obtidos por meio da família	(n = 26) 40,6%
Conhecimentos obtidos na escola	(n = 22) 34,4%
Internet	(n = 17) 26,6%
Contexto religioso	(n = 14) 21,9%
Outro	(n = 8) 12,5%

Na Tabela 8, são apresentados os recursos utilizados pelos participantes para obter informações sobre educação sexual, a fim de orientar seus próprios filhos. Observa-se que os livros foram o recurso mais citado, assinalado por 60,9% dos respondentes, seguido de “consultas com profissionais da saúde”, indicadas por 57,8% dos participantes. Outros recursos também frequentemente mencionados incluem os conhecimentos obtidos por meio da família (40,6%) e os conhecimentos adquiridos na escola (34,4%). A internet foi indicada por 26,6%, seguida por informações provenientes de um contexto religioso, mencionado por 21,9%. Por fim, dentre os participantes que assinalaram “Outro” (12,5%), seis referiram utilizar conhecimentos obtidos no cotidiano e oriundos da própria experiência de vida. Além disso, uma participante afirmou utilizar os conhecimentos adquiridos na formação em saúde, e um participante referiu não ter utilizado nenhum recurso.

Tabela 9. *Frequência de Uso da Internet como Recurso de Apoio para Subsidiar a Educação Sexual Realizada com os Filhos, Segundo a Década de Nascimento dos Participantes*

Década de nascimento	Não utilizou/utiliza a internet	Utilizou/utiliza a internet	Total
1950 - 1959	(n = 7) 100%	(n = 0) 0%	(n = 7)
1960 - 1969	(n = 14) 82,3%	(n = 3) 17,6%	(n = 17)
1970 - 1979	(n = 12) 75%	(n = 4) 25%	(n = 16)
1980 - 1989	(n = 8) 50%	(n = 8) 50%	(n = 16)
1990 - 1999	(n = 1) 33,3%	(n = 2) 66,7%	(n = 3)
Total	(n = 42) 71,2%	(n = 17) 28,8%	(N = 59)

Tabela 10. *Significância da Relação entre Faixa Etária dos Respondentes e Uso do Internet como Fonte de Informações para Ajudá-los com Questões de Educação Sexual*

	Valor	gl	p
X^2	9.577	4	0.048
N	59		

Nota. Teste de qui-quadrado

Foi observada uma relação significativa entre a faixa etária dos respondentes e o uso da internet como fonte de informações para abordar temas de educação sexual com os filhos ($X^2(4) = 9,577, p = 0,048$), sendo que o uso da internet aumentou, década por década. Apesar de ter uma predominância de respondentes com mais de 45 anos de idade na amostra, 28,8% dos

participantes afirmou utilizar ou já ter utilizado a internet como recurso para abordar temas de educação sexual com os filhos. Assim, com base nesses resultados, é possível observar que uma porcentagem cada vez maior das pessoas está utilizando a internet como fonte de apoio à parentalidade na abordagem da sexualidade, ainda que seu uso permaneça minoritário entre os participantes da presente amostra.

4.4 Transmissão de informações sobre educação sexual para seus filhos

Foi verificado se os respondentes apresentavam uma tendência de repassar aos filhos informações que eles próprios receberam durante sua infância e adolescência.

Tabela 11. *Associação Entre Educação Sexual Recebida na Família de Origem e a Transmissão Desse Conhecimento aos Próprios Filhos*

Família de origem	Comportamento na educação sexual dos próprios filhos		Total
	Não aplica/aplicou em sua parentalidade as informações que recebeu da família de origem	Aplica/aplicou em sua parentalidade as informações que recebeu da família de origem	
Não recebeu ou recebeu poucas informações da família de origem	(n = 29) 76,3%	(n = 9) 23,7%	(n = 38)
Recebeu informações na família de origem	(n = 5) 22,7%	(n = 17) 77,3%	(n = 22)
Total	(n = 34) 56,7%	(n = 26) 43,3%	(N = 60)

Tabela 12. *Significância da Relação entre Ter Recebido, ou não, Informações na Família de Origem e Repassar, ou não, essas Informações ao Próprio Filho*

	Valor	gl	p
X^2	16.295	1	< .001
N	60		

Nota. Teste de qui-quadrado

Com base nos resultados apresentados na Tabela 12, é possível observar que existe uma associação significativa ($X^2(1) = 16,295$ $p < 0,001$) entre a experiência de ter recebido informações sobre educação sexual da família durante a infância e adolescência e a tendência de aplicar esses aprendizados na educação sexual dos próprios filhos. De forma geral, participantes que relataram ter sido informados sobre questões de sexualidade na sua família de origem demonstram maior probabilidade de reproduzir esses conteúdos com seus filhos, enquanto aqueles que não receberam ou receberam pouca informação tendiam a indicar que não houve contribuição de sua família de origem para sua capacidade de lidar com questões de educação sexual com seus filhos. Assim, para os 38 participantes que indicaram não ter obtido, ou ter obtido poucas informações por meio da família de origem, 73,3% indicou que também não transmitiu informações obtidas dessa fonte aos filhos. É interessante notar, no entanto, que 23,7% deles indicaram que transmitiram essas informações, mesmo sendo limitadas.

Para os 22 participantes que receberam um maior volume de informações na sua família de origem, 77,3% deles transmitiram essas informações. Para os 5 participantes que receberam informações na família de origem, mas não aplicaram ou aplicaram muito pouco do que aprenderam dessa fonte durante a criação dos filhos, foi constatado, após posterior análise, que todos contribuíram para a educação sexual dos filhos, porém, utilizando recursos diferentes do conhecimento obtido por meio da família de origem, como por exemplo, conhecimentos aprendidos na escola ou com profissionais da área da saúde.

Tabela 13. Associação Entre Educação Sexual Recebida na Escola e a Transmissão Desse Conhecimento aos Próprios Filhos

Escola	Aplicação na parentalidade do que foi aprendido com a escola		Total
	Não aplica/aplicou em sua parentalidade as informações que recebeu da escola	Aplica/aplicou em sua parentalidade as informações que recebeu da escola	
Não recebeu ou recebeu poucas informações na escola	(n = 25) 75,8%	(n = 8) 24,2%	(n = 33)
Recebeu informações na escola	(n = 13) 48,1%	(n = 14) 51,9%	(n = 27)
Total	(n = 8) 63,3%	(n = 22) 36,7%	(N = 60)

Tabela 14. Significância da Relação entre Ter Recebido, ou não, Informações na Escola e Repassar, ou não, essas Informações ao Próprio Filho

	Valor	gl	p
χ^2	4.875	1	0.027
N	60		

Nota. Teste de qui-quadrado

Também foi encontrada associação estatisticamente significativa ($\chi^2(1) = 4,875$; $p = 0,027$) entre o fato de os participantes terem obtido informações sobre educação sexual por meio da escola durante sua infância e adolescência e a aplicação desses conhecimentos na educação dos filhos. Observou-se, contudo, uma menor tendência de aplicação das informações adquiridas na escola, em comparação àquelas recebidas da família de origem. Assim, embora cerca de metade dos participantes tenham usado informações aprendidas com a escola na educação sexual de seus filhos, outra metade não usou essas informações com seus filhos. Novamente, notamos que os respondentes que indicaram não repassar informações aprendidas

com a escola estavam usando outras fontes de informações para abordar esse tema com seus filhos, como informações encontradas na internet e consultas com profissionais de saúde.

Tabela 15. *Associação Entre Educação Sexual Recebida em um Contexto Religioso e a Transmissão Desse Conhecimento aos Próprios Filhos*

Contexto religioso	Aplicação na parentalidade do que foi aprendido em um contexto religioso		Total
	Não aplica/aplicou em sua parentalidade as informações que recebeu no contexto religioso	Aplica/aplicou em sua parentalidade as informações que recebeu no contexto religioso	
Não recebeu ou recebeu poucas informações desse contexto	(n = 39) 75,0%	(n = 13) 25,0%	(n = 52)
Recebeu informações desse contexto	(n = 6) 85,7%	(n = 1) 14,3%	(n = 7)
Total	(n = 45) 76,3%	(n = 14) 23,7%	(N = 59)

Tabela 16. *Significância da Relação entre Ter Recebido, ou não, Informações de um Contexto Religioso e Repassar, ou não, essas Informações ao Próprio Filho*

	Valor	gl	p
χ^2	0.391	1	0.532
N	59		

Nota. Teste de qui-quadrado

Não foi encontrada associação estatisticamente significativa ($\chi^2(1) = 0,391$; $p = 0,532$) entre ter recebido informações sobre educação sexual em contextos religiosos e aplicar esse aprendizado na educação dos filhos. O que se observa é que a maioria dos respondentes indicou que não receberam contribuições do seu contexto religioso para com sua educação sexual. Para os poucos participantes que sinalizaram que receberam contribuições para sua educação sexual

nesse contexto, foi apontado pouco uso dessas informações no seu papel parental, com 85,7% dos respondentes não repassando essas informações aos filhos.

Informações complementares - perguntas abertas

Além das informações obtidas por meio de perguntas estruturadas, referentes à educação sexual recebida durante a infância e adolescência do respondente e à educação sexual oferecida aos filhos, o protocolo de coleta de dados também continha espaços para comentários abertos. A seguir, são descritos alguns dos principais relatos registrados nesses campos.

No que se refere à influência dos modelos assimilados no contexto familiar, destacam-se os seguintes comentários, todos apresentados por mulheres.

“Na minha infância meus pais nunca falaram abertamente comigo sobre sexo e sexualidade, hoje em dia tem alguns pontos que tenho vergonha em falar com meus filhos (...)” (P14, F, 41a)

“Monogamia, noções de fidelidade e de traição foram aprendidas por modelo. (...)” (P21, F, 44a)

“(...) criada em zona rural, aprendi mesmo com a vida e a convivência com meus pais.” (P41, F, 56a)

“Mesmo nunca tendo sido abordados, aspectos como respeito e cooperação sempre me serviram de exemplo dentro de casa (mesmo sendo não necessariamente no aspecto sexual, com certeza muito influenciaram durante toda minha vida, inclusive sexual).” (P62, F, 68a)

Quando questionados sobre a frequência com que temas relacionados à educação sexual foram abordados no ambiente familiar, observou-se que esse tipo de orientação ocorreu com pouca frequência. Essa percepção também se reflete nos trechos discursivos, os quais indicam que, quando presentes, essas conversas aconteciam de forma pontual, geralmente relacionadas a momentos ou situações específicas e isoladas.

“Como em vários lares moralistas. Esse tema nunca foi abordado frontalmente. O máximo que aconteceu, foi meu pai ter uma preocupação com uma indesejável gravidez. E ele conduziu alguma conversa em torno de preservativo.” (P11, M, 40a)

“(…) era quase um tabu, mas havia uma preocupação de proteção, somente na menstruação que o assunto era abordado mas com muita vergonha” (P47, F, 1965)

“Somente soube sobre menstruação no dia que menstruei pela primeira vez” (P54, F, 1961)

Além das informações recebidas em casa e via atividades programadas na escola, alguns dos participantes do gênero masculino (mas nenhum do gênero feminino) indicaram o uso de material classificado como pronográfico.

“Como não tinha informação em casa e nem escola, obtive informações muito básicas através de amigades (...) As literaturas que tínhamos a época eram as famosas "revistinhas" pornográficas que nos davam uma ideia do ato, aí surgiam as dúvidas e perguntas que na maioria das vezes não tinham respostas” (P46, M, 60a).

“(…) Internet, amigos e pornografia foram grandes fontes. Hoje percebo o quão ruim é isso.” (P11, M, 40a)

“(…) via muitas revistas eróticas, quadrinhos eróticos (...) na TV tínhamos pornochanchada toda semana.” (P02, M, não informou sua idade)

Assim, quando perguntados sobre a influência da própria família na forma como fornecem educação sexual aos filhos atualmente, diversos participantes manifestaram o desejo de adotar uma abordagem diferente daquela que experienciaram. Os relatos evidenciam uma intenção de romper com as lacunas e silêncios que marcaram sua própria educação:

“(…) no sentido de fazer o oposto - era um tabu em casa e quero que seja natural na minha criação para com os meus filhos.” (P10, F, 40a)

“Desejo que ela seja esclarecida, segura de si, tenha uma sexualidade saudável, que a exerça com tranquilidade e segurança. Pretendo abordar o assunto com naturalidade. É certo que irei cometer erros. Nunca fiz isso. Mas vou tentar da melhor maneira que eu conseguir”
(P11, M, 40a)

“(…) quero que esse tema seja tratado com naturalidade com as minhas filhas, e a medida que vão crescendo vamos mudando o foco. Com 6 anos, o foco agora é explicar sobre o próprio corpo, sobre consentimento, sobre outras pessoas não poderem tocar o corpo delas, etc” (P18, F, 43a)

“Sinto que como não recebi nada de ensinamento por parte de meus pais sobre sexualidade, insisto em fazer diferente.” (P25, F, 46a)

“Abordo os temas de sexualidade com mais conforto, naturalidade e honestidade com meus filhos. Quero que eles se sintam livres e sem julgamentos para compartilhar seus questionamentos comigo” (P31, F, 50a)

“(…) somos influenciados sim pela educação que recebemos. Mas é dever de cada uma se questionar e poder dar uma educação aos filhos diferente e melhor da que foi recebida” (P45, F, 58a)

Nesse contexto, alguns participantes ainda expressaram a necessidade de refletir criticamente sobre as informações recebidas durante sua criação, frequentemente impregnadas por mitos e concepções distorcidas acerca da sexualidade:

“São épocas muito diferentes, com contextos extremamente distintos ao comparar final da década de 80 e início da década de 90 com a atualidade. A maioria dos assuntos atuais (orientação sexual, identidade

de gênero, violência sexual, consentimento, etc...) ou eram tabu na época, ou sequer eram considerados.” (P09, M, 40a)

“Na minha adolescência minha tia falava que não podia sentar na cama de nenhum homem pq podia engravidar.” (P27, F, 48a)

“Éramos tão reprimidos que uma noite na tv cultura passou uma reportagem sobre parto, minha mãe chamou minha irmã e minha tia para assistir e disse que eu não poderia assistir por ser homem.” (P64, M, 71a)

5 DISCUSSÃO

O objetivo geral deste estudo foi investigar as percepções parentais acerca da educação sexual que receberam, relacionando-as às práticas que desempenharam ou atualmente desempenham na criação de seus filhos. A discussão dos resultados se organiza a partir dos quatro objetivos específicos do estudo.

5.1 Como pais e mães vivenciaram sua educação sexual

O primeiro objetivo da pesquisa consistiu em compreender a forma como pais e mães vivenciaram sua própria educação sexual durante sua formação, considerando os conteúdos abordados e as fontes por meio das quais obtiveram tais informações. Os dados desta pesquisa indicam que, na infância e adolescência dos participantes, a principal via de acesso ao conhecimento sobre sexualidade foram as interações entre amigos. A primazia da socialização horizontal e da transmissão de informações por meio da socialização informal entre pares é amplamente reconhecida na literatura. Durante a adolescência, é comum que os indivíduos busquem por maior autonomia em relação ao núcleo familiar, o que favorece o fortalecimento de alianças externas, sobretudo entre amigos (Preto, 2011; Savegnago & Arpini, 2013).

Além disso, em contraste com estudos realizados com crianças e adolescentes, que apontam a família como principal fonte de informações sobre sexualidade (Furlanetto et al., 2019; Garbarino, 2021), os dados da presente pesquisa, composta por participantes adultos, indicaram que a escola e a família ocuparam, respectivamente, a segunda e a quinta fontes de

informação mais recorrentes. Conforme apontado por Dias e Gomes (1999, p. 86), o contexto em que se estabelece o diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade encontra-se fortemente marcado por recordações da própria vivência familiar dos responsáveis. Assim, a literatura indica que pais e mães possuem mais facilidade para conversar com os filhos sobre temas que eles próprios foram instruídos ao longo da vida, sendo esses, no entanto, geralmente associados ao paradigma médico-preventivista (Pimenta et al., 2025).

Nesse sentido, os resultados da presente pesquisa indicam que os temas mais frequentemente mencionados como parte da educação sexual recebida durante a criação dos participantes reforçam a predominância de um modelo de educação sexual centrado em aspectos biológicos e preventivos, com destaque para noções sobre reprodução (54,6%), prevenção contra gravidez indesejada (46,8%) e conhecimentos relativos à puberdade (45,3%).

Essa tendência revela os limites do discurso educativo tradicional, que tende a restringir a compreensão da sexualidade às suas dimensões fisiológicas. É fundamental não compreender a sexualidade como sinônimo de sexo ou mera atividade sexual, mas como uma dimensão constitutiva do ser humano e integrante do processo de desenvolvimento da personalidade (Saito & Leal, 2000). Destaca-se que a educação sexual visa, sobretudo, o “resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, o que favorece o desenvolvimento da cidadania, do respeito, do compromisso, do autocuidado e do cuidado com o outro.” (Saito & Leal, 2000, p. 44)

Ainda é necessário desconstruir a ideia de que há um 'momento certo', geralmente associado à adolescência, para abordar a sexualidade com os filhos (Pimenta et al., 2025), uma vez que tal postura pode adiar indefinidamente o diálogo (Dinis & Asinelli-Luz, 2007) e promover a desproteção. Ao contrário, é fundamental que a educação sexual seja iniciada ainda na infância, de maneira adequada ao estágio de desenvolvimento dos indivíduos, de modo a promover uma compreensão ampliada da sexualidade enquanto dimensão fundamental da experiência humana, e não circunscrita exclusivamente ao viés reprodutivo (Pimenta et al., 2025).

O cenário encontrado no presente estudo, contudo, revela um quadro distinto. Quando esse diálogo ocorreu, observou-se que, para a maioria dos participantes, ele se concentrou predominantemente entre os 11 e 15 anos de idade, o que aponta para a ênfase da educação sexual na adolescência (Ferreira et. al, 2017). Apenas oito participantes (12,5%), todas do

gênero feminino, relataram ter recebido educação sexual na fase dos 6 a 10 anos e nenhum participante assinalou ter recebido educação sexual antes dos 6 anos, o que vai ao encontro da escassez de estudos e registros sobre educação sexual em idades precoces (Ferreira et. al, 2017), apesar de sua grande importância.

Além disso, 28,1% dos participantes apontaram que a principal dificuldade para abordar temas de sexualidade com os filhos reside na falta de conhecimento suficiente. Percepções de despreparo e falta de confiança em se reconhecerem como detentores de conhecimento válido e, portanto, capazes de sanar dúvidas dos filhos relativas ao tema são identificadas na literatura (Garbarino, 2021; Nery et al., 2015; Pimenta et al., 2025; Weekes et. al, 2014), evidenciando possíveis lacunas e silêncios na educação sexual recebida por esses indivíduos (Pimenta et al., 2025).

Essa realidade se reflete ainda nos dados relativos à pergunta 'Com que frequência seus pais abordaram temas de educação sexual com você durante sua infância e adolescência?' A maioria expressiva – 79,6% dos participantes, independentemente do gênero – afirmou que esse diálogo ocorreu com baixa frequência. Isso significa que, independentemente do conteúdo abordado, os temas relacionados à sexualidade foram tratados de forma esporádica ou pontual diante de eventos específicos, ou nunca ocorreram ($n = 23$; 35,9%).

5.2 Perspectivas e crenças parentais relacionadas à educação sexual

O segundo objetivo deste estudo consistiu em analisar as perspectivas e crenças parentais acerca da educação sexual. Apesar de a amostra incluir participantes predispostos a discutir o tema, os dados revelaram que cerca de 23,4% dos participantes ainda manifestaram receio de que abordar questões de sexualidade com os filhos pudesse incentivar comportamentos indesejados. Tal receio reside na crença de que uma comunicação aberta sobre o assunto poderia ser interpretada como permissividade por parte dos pais, levando ao início precoce da atividade sexual de crianças e adolescentes (Nery et al., 2015; Pimenta et al., 2025). De fato, estudos indicam que a ausência de diálogo, aliada à desinformação, é o que tende a influenciar a iniciação sexual precoce e a restringir a autonomia dos adolescentes em suas decisões e escolhas (GherPELLI, 1996, como citado em Gonçalves et. al, 2013; (Pimenta et al., 2025, Sousa et. al, 2006).

Por outro lado, a maioria dos respondentes (79,7%) rejeitou a noção de que discutir métodos contraceptivos com adolescentes estimule a iniciação sexual precoce. Da mesma

forma, 79,7% também desconsiderou a abstinência sexual como prática relevante, considerando seus valores pessoais.

5.3 Comunicação com os filhos a respeito da educação sexual

Com relação ao terceiro objetivo, foram verificadas as percepções parentais sobre a comunicação com seus filhos a respeito da educação sexual, considerando os conteúdos abordados e as fontes utilizadas para obter essas informações. Embora existam desafios nesse processo, os dados revelam que a maioria dos participantes, tanto do gênero masculino (79,0%) quanto do gênero feminino (88,8%), discordam da ideia de *não* conversar ou orientar seus filhos sobre educação sexual. Ainda que uma minoria afirme preferir evitar esse tipo de conversa, os resultados apontam para um movimento de reconhecimento, por parte das famílias, da importância da educação sexual no contexto familiar.

A análise qualitativa evidenciou ainda uma forte tendência entre os participantes ao desejo de romper com os padrões vivenciados em suas próprias trajetórias, expressando a intenção de proporcionar aos filhos uma educação sexual mais aberta e informada. Diversos relatos destacaram o propósito de “fazer diferente” dos próprios pais, em uma clara distinção entre as limitações do passado e as possibilidades do presente, buscando superar lacunas que marcaram sua experiência anterior. Conforme Pimenta et al. (2025), o fato de os responsáveis já terem experienciado dificuldades relacionadas à sexualidade na juventude tende a facilitar o diálogo com seus filhos, uma vez que desejam que estes tenham uma experiência diferente da que eles próprios vivenciaram.

5.4 Transmissão de informações sobre educação sexual para os filhos

O quarto objetivo da pesquisa consistiu em analisar as relações entre a obtenção de conhecimentos referentes à educação sexual pelos participantes durante sua criação e a transmissão dessas e de outras informações para seus filhos. As práticas educativas entre pais e filhos tendem a ser permeadas pelas experiências vividas pelos próprios responsáveis (Dias & Gomes, 1999). Essas experiências remetem, em muitos casos, a um contexto em que a família exercia o papel de principal reguladora da sexualidade e as orientações fornecidas por ela limitavam-se, em grande medida, a proibições e a regras de conduta baseadas em valores voltados à preservação da estrutura e da moral familiar (Dias & Gomes, 1999).

Os resultados desta pesquisa demonstraram uma associação estatisticamente significativa entre a experiência de ter recebido informações sobre educação sexual da família durante a infância e adolescência e a tendência de transmitir esses aprendizados na educação sexual dos próprios filhos. Observou-se uma menor tendência de aplicação das informações adquiridas na escola quando em comparação àquelas recebidas da família de origem; ainda assim, essa relação também apresentou significância estatística. Isso sugere que a família, mesmo que não predominante na amostra como fonte de aprendizado, tende a exercer um papel importante na transmissão intergeracional de práticas educativas relacionadas à sexualidade, mesmo que algumas pessoas substituam ou complementem essas informações com material de outras fontes. Isto é, quando informações sobre sexualidade são ensinadas no contexto familiar, a maior parte das pessoas tende a transmitir essas informações.

Ainda no que se refere ao papel da família, Almeida e Centa (2009), em estudo voltado à compreensão de como pais e mães vivenciam a educação sexual de filhos adolescentes, destacam que as principais dificuldades relatadas pelos responsáveis estão relacionadas à forma como esses indivíduos haviam sido educados. De modo semelhante, na presente pesquisa, 28,1% dos participantes atribuíram suas dificuldades em tratar do tema à ausência de orientações durante sua criação.

A educação sexual recebida na infância e adolescência pode, portanto, configurar-se como um fator limitante para o estabelecimento de diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos (Almeida & Centa, 2009). Soma-se a isso a tendência de reprodução dos modelos familiares anteriormente experienciados, favorecendo a continuidade e transmissão de valores herdados de gerações anteriores (Almeida & Centa, 2009; Gonçalves et al., 2013). Essas constatações dialogam com relatos de participantes da presente pesquisa, que enfatizaram a influência do contexto familiar em sua formação.

5.5 Limitações

É importante ressaltar que algumas características da amostra de participantes deste estudo devem ser consideradas, pois podem influenciar nos resultados observados. Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra composta por pessoas com maior abertura para responder a perguntas sobre educação sexual. Por esse motivo, ela pode não ser representativa da população brasileira de pais e mães de forma geral. Além disso, participaram deste estudo mais respondentes do gênero feminino do que do gênero masculino e somente pessoas com ensino

médio completo e ensino superior. Este perfil de escolaridade é típico de estudos online, mas difere dos níveis de escolaridade na população brasileira.

Além disso, foram convidados para participar da pesquisa pais e mães enquanto figuras centrais da influência familiar sobre a educação sexual. Dessa forma, não foram contempladas as contribuições de outros membros da família. Em estudos futuros, pode ser importante verificar o quanto outros familiares também contribuem para a educação sexual de crianças e adolescentes, ampliando a compreensão sobre o papel da família nesse processo. Tal compreensão é relevante, inclusive, para o desenvolvimento de materiais de intervenção que considerem os diversos agentes educativos presentes no contexto familiar.

Por fim, não foi possível garantir uma distribuição equilibrada de participantes segundo a faixa etária, o que limitou a análise sobre possíveis mudanças geracionais nas práticas de educação sexual. A amostra da presente pesquisa concentrou-se majoritariamente em participantes com 45 anos ou mais, o que dificultou verificar com maior precisão se pais e mães mais jovens estão conseguindo oferecer uma educação sexual diferente aos seus filhos, em comparação com indivíduos que foram criados em um período de menor abertura social para falar sobre questões importantes para o desenvolvimento saudável da própria sexualidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo contribuíram para a expansão da literatura brasileira sobre educação sexual, especialmente no que se refere ao papel dos pais e mães na seleção e transmissão de informações consideradas importantes para promover o desenvolvimento dos seus filhos. Muitos participantes indicaram a insuficiência da educação sexual recebida durante sua própria infância e adolescência, acompanhada de seu desejo de oferecer uma educação sexual distinta aos filhos. Contudo, muitos enfrentam dificuldades para se comunicar sobre o tema, sentindo-se despreparados para oferecer orientações adequadas aos seus filhos. Em uma época de ampla disponibilidade de informações na internet, de qualidade variada, o envolvimento familiar em questões de educação sexual pode exercer um papel protetor e facilitador no desenvolvimento dos filhos. Esse envolvimento contribui para a identificação e o filtro de conteúdos estereotipados ou sem conexão com o bem-estar socio-emocional das pessoas, ao mesmo tempo em que pode favorecer o acesso a materiais que promovam o autoconhecimento e o estabelecimento de relacionamentos íntimos de boa qualidade.

Para pesquisas futuras, recomenda-se o desenvolvimento e a avaliação de materiais que auxiliem pais e mães a abordar questões relevantes da educação sexual, adaptados às diferentes idades e fases do desenvolvimento de seus filhos. Além disso, reconhecendo que a família não é a única fonte de informações para os filhos, é fundamental continuar a negociar e promover espaços públicos que ofereçam uma educação sexual emancipatória, politicamente situada e vinculada à formação cidadã dos indivíduos, preparando crianças e adolescentes para exercerem plenamente seus direitos e lidarem com essa dimensão essencial de seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- Abreu, A. C. A. (2024). Educação Sexual: definição e visões ao redor do assunto. *Politize!* <https://www.politize.com.br/educacao-sexual/> Acessado em 09/02/2024.
- Anami, L. F., & Figueiró, M. N. D. (2009). Interação família-escola na educação sexual: reflexões a partir de um incidente. In M. N. Figueiró (Org.), *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*, pp. 87-113. Londrina: UEL. <https://maryneidefigueiro.com.br/files/uploads/976c7a39-3a57-44c1-b7e7-95b40f8e9684.pdf>
- Balieiro, F. de F. (2018). “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. *Cadernos Pagu*, 53, e185306. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530006>
- Brasil (1997). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 164p.
- Bueno, R. C. P., & Ribeiro, P. R. M. (2018). História da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos para reflexão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29(1), pp. 49–56. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.41>
- Chauí, M., Kehl, M. R. & Werebe, M. J. (1991). Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, 36, 99-110. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1584>
- Costa, B. R. (2018). Bola de Neve Virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(1), 15-37. <https://doi.org/10.9771/23172428rigs.v7i1.24649>.
- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4(1), 79–106. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000100006>
- Fagundes, T. C. P. C. (2009). Pais conscientes, educadores capacitados: educação sexual para crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 20(1). <https://doi.org/10.35919/rbsh.v20i1.358>
- Ferreira, C., Ferreira, H.G., Alves, M.S., Tavares, C., Macedo, L., & Dias, Â.I. (2017). Estudo PaSeFi: o que ensinam os pais sobre sexualidade aos seus filhos. *Nascer e Crescer - Birth and Growth Medical Journal*, 26, 164-170. <http://hdl.handle.net/10400.16/2801>
- Figueiró, M. N. D. (1996). A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. *Cadernos de Pesquisa*, 98, 50–63. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/795>

- Figueiró, M. N. D. (1997). Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. *Cadernos de Pesquisa*, 101, 103. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1885>
- Figueiró, M. N. D. (2009). Revendo A História Da Educação Sexual No Brasil: Ponto De Partida Para Construção De Um Novo Rumo. *Nuances: Estudos Sobre Educação*, 4(4). <https://doi.org/10.14572/nuances.v4i4.84>
- Figueiró, M. N. D. (2010). Educação sexual: Retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel.
- Franco, C. de, & Filho, E. M. de A. M. (2020). Não metam gênero na nossa religião! Educação em disputa nos movimentos “Escola sem partido” e “Con mis hijos no te metas.” *REVER - Revista de Estudos Da Religião*, 20(2), 293–313. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i2a19>
- Foucault, M (2014). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: *Paz e Terra*.
- Foucault, M (2003). História da sexualidade, 1: a vontade de saber. *Graal*.
- Furlanetto, M. F., Lauermann, F., Costa, C. B. D., & Marin, A. H.. (2018). Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, 48(168), 550–571. <https://doi.org/10.1590/198053145084>
- Furlanetto, M. F., Marin, A. H., & Gonçalves, T. R. (2019). Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 644-664. Recuperado em 08 de maio de 2025, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000300006&lng=pt&tlng=pt.
- Garbarino, M. I. (2021). O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *Cadernos Pagu*, 63. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630016>
- Lima, L. C. e. S. (2018). Educação Sexual nas políticas educacionais: um estado na rede estadual de ensino de Aparecida de Goiânia.
- Maqbool, M., & Jan, H. (2019). Importance of sex education in schools: Literature review. *International Journal of Home Science*, 5(1), 124–130.
- MEC (2009). Caderno Escola sem Homofobia. Brasília - DF. Acesso em: 20 março. 2024.
- Moraes, C., & Salgueiro, W. (2023). "A conversa": um bate-papo sobre a falta de diálogo em família. *Via Atlântica*, 24(2), 444-477. <https://doi.org/10.11606/va.i2.201578>
- Nery, I. S., Feitosa, J. J. de M., Sousa, Á. F. L. de ., & Fernandes, A. C. N.. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(3), 287–292. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500048>

- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2015). Saúde sexual, Direitos humanos e a Lei. Retirado de <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>
- Paiva, S. P. & Brandão, E. R. (2023). Abstinência sexual como política pública? Governo Bolsonaro e a (des)educação em sexualidade. Em *Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, 21(53), 159-173. <https://doi.org/10.12957/rep.2023.78949>.
- Pimenta, L. C. P., Nascimento, C. R. R., & Rodrigues, M. P. S. (2025). Educação sexual no contexto de famílias com adolescentes: um estudo de revisão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 36, 1264. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1264>
- Preto, N. G. (2011). Transformação do sistema familiar na adolescência. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*, 223-230. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Ribeiro, P. R. C. (2002). Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental [Tese de doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://hdl.handle.net/10183/1855>
- Rosemberg, F. (1985). Educação sexual na escola. *Cadernos de Pesquisa*, 53, 11–19. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1372>.
- Saito, M. I., & Leal, M. M. (2000). Educação sexual na escola. *Pediatria (São Paulo)*, 44–48. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-279804>
- Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M.. (2013). Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, 43(150), 924–947. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000300010>
- Sousa, L. B. de., Fernandes, J. F. P., & Barroso, M. G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19(4), 408–413. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000400007>
- Soster, A. P., Falcke, D., Penna, M. N., & Oliveira, A. M. da S. (2022). A educação sexual para o desenvolvimento da agência sexual e cidadania: revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 11(11), e219111133523. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33523>
- Weekes, C. V. N., Haas, B. K., & Gosselin, K. P. (2013). Expectations and Self-Efficacy of African American Parents Who Discuss Sexuality with their Adolescent Sons: An Intervention Study. *Public Health Nursing*, 31(3), 253–261. <https://doi.org/10.1111/phn.12084>

Anexo A - Questionário “*Mapeando Experiências e Percepções sobre Educação Sexual e Comunicação Familiar*”

Caracterização Sociodemográfica

Data de nascimento: DD/MM/AAAA

Gênero com o qual se identifica:

Feminino Masculino Prefiro não dizer Se outro, especificar: _____

Escolaridade:

- Não frequentou a escola
 Primeiro grau/ensino fundamental incompleto
 Primeiro grau/ensino fundamental completo
 Segundo grau/ensino médio incompleto
 Segundo grau/ensino médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo

Religião: _____

Em que ano nasceu seu primeiro filho? _____

Gênero do primeiro filho(a): Feminino Masculino Se outro, especificar: _____

Experiências com a educação sexual durante sua criação

A educação sexual inclui informações sobre como o corpo muda durante nosso crescimento, como funcionam nossos sistemas reprodutivos e como se proteger de infecções sexualmente transmissíveis. No entanto, também abrange a compreensão de normas e valores culturais e religiosos, sentimentos e atitudes sobre a vida sexual, assim como tópicos como identidade de gênero, segurança, consentimento, imagem corporal, e como tomar decisões saudáveis e informadas sobre nossos relacionamentos.

1. Refletindo sobre sua criação, indique qual era sua idade, aproximadamente (em anos) quando começou a receber informações e instruções ligadas a questões sobre educação sexual (de qualquer fonte ou em qualquer contexto):

- Até 5 anos
 6-10 anos
 11-15 anos
 16-20 anos
 Mais de 20 anos
 Nunca

2. Ao longo de sua infância e adolescência, de quais fontes você obteve conhecimento sobre sexualidade? (sendo 0 = não obteve informações dessa fonte e 5 = obteve muitas informações dessa fonte)

- Livros/textos escritos (educativos ou ficcionais)
- Família
- Amigos
- Ensino formal oferecido na escola
- Internet
- Contexto religioso
- Programas de TV/filmes
- Consultas com profissionais da saúde (médicos, enfermeiros(as), psicólogos(as))

3. Com qual idade aproximadamente seus pais começaram a abordar temas de relacionamentos e educação sexual com você?

- Até 5 anos
- 6-10 anos
- 11-15 anos
- 16-20 anos
- Mais de 20 anos
- Nunca

4. Com que frequência seus pais abordaram temas de relacionamentos e educação sexual com você durante sua infância e adolescência? (sendo 0 = nunca e 5 = com boa frequência/sempre que necessário)

5. Quais destes temas foram abordados? (Assinale todos que se aplicam)

- Como nascem os bebês (noções de reprodução)
- Puberdade (por ex.: alterações do corpo, menstruação)
- Noções de consentimento
- Prevenção contra gravidez indesejada (métodos contraceptivos)
- A ideia de que homens e mulheres têm responsabilidades e condutas diferentes, ou seja, existem coisas ‘de menina’ e ‘de menino’
- Violência sexual e maneiras de proteger-se contra ela

- () Orientação sexual
- () Proteção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis
- () Identidade de gênero
- () Relacionamentos afetivos
- () Imagem corporal/relação com o próprio corpo
- () Se outro, especificar: _____

6. Caso queira compartilhar alguma experiência ou complementar suas respostas, sinta-se à vontade para escrever abaixo. Sua opinião é importante para a pesquisa e as respostas a esse questionário são anônimas: _____

Crenças e perspectivas com relação à educação sexual:

1. Indique o quanto você concorda ou discorda das seguintes afirmações, atribuindo uma pontuação de 0 a 5, sendo 0 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente.

Lembre-se de que não existe resposta certa ou errada!

- Considero a ES uma estratégia importante para construir relacionamentos saudáveis
- Prefiro não conversar/orientar meus filhos a respeito de educação sexual
- Considero que as conversas sobre consentimento devam começar desde cedo, mesmo antes da adolescência
- Acredito que a abstinência sexual antes do casamento é uma prática importante para minha visão de mundo e valores pessoais
- O diálogo e o acesso aos contraceptivos deve ser facilitado para os adolescentes, com o objetivo de promover responsabilidade e decisões autônomas
- Não acredito que a educação sexual exerça impacto significativo na construção dos nossos relacionamentos
- Concordo que meus filhos participem de aulas sobre educação sexual na escola
- Meus valores religiosos devem orientar a forma como ensino sobre sexualidade e relacionamentos aos meus filhos
- Eu entendo a diferença entre sexo e sexualidade
- Converso/conversava com meu/minha parceiro(a) ou pai/mãe dos meus filhos quanto à educação sexual dele
- Falar sobre métodos contraceptivos com adolescentes pode incentivar a prática sexual precoce

- Existem condutas e responsabilidades que cada gênero deve desempenhar, ou seja, 'coisas de menino' e 'de menina'.

2. Na sua opinião, quem deve ter participação no ensino de educação sexual?

- Escola
- Família
- Religião
- Profissionais da saúde
- Outro: _____

3. Caso queira compartilhar alguma experiência ou complementar suas respostas, sinta-se à vontade para escrever abaixo. Sua opinião é importante para a pesquisa e as respostas a esse questionário são anônimas: _____

Comunicação com os filhos

1. Você recorreu a algum desses recursos para obter informações e orientar seu filho(a) a respeito de educação sexual? (Assinale todos que se aplicam)

- Livros/textos escritos (educativos ou ficcionais)
- Conhecimentos transmitidos pela minha família
- Internet (sites, vídeos no youtube, perfis nas redes sociais)
- Ensinaamentos da minha religião
- Filmes ou programas de TV
- Consultas com profissionais da área da saúde (médicos, enfermeiros(as), psicólogos(as))
- Conhecimentos que aprendi na escola
- Outro: _____

2. Assinale quais dos temas a seguir você já abordou com seu(s) próprio(s) filho(s):

- Como nascem os bebês (noções de reprodução)
- Puberdade (por ex.: alterações do corpo, menstruação)
- Noções de consentimento
- Prevenção contra gravidez indesejada (métodos contraceptivos)
- A ideia de que homens e mulheres têm responsabilidades e condutas diferentes, ou seja, existem coisas 'de menina' e 'de menino'
- Violência sexual e maneiras de proteger-se contra ela

- Orientação sexual
- Proteção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis
- Identidade de gênero
- Relacionamentos afetivos
- Imagem corporal/relação com o próprio corpo
- Se outro, especificar: _____

3. Se você já sentiu dificuldade de falar sobre esses temas com seus filhos, quais seriam as principais razões?

- Falta de conhecimento suficiente
- Medo de incentivar comportamentos indesejados
- Não fui ensinado(a) sobre esses temas durante minha criação
- Minha religião ou valores pessoais
- Outro: _____

4. Você sente que os valores que recebeu sobre sexualidade na infância influenciam a forma como ensina seus filhos hoje? Como?
